

Reflexões sobre as 'stáseis' urbanas no século IV d.C.:

O episódio do Levante das Estátuas segundo o testemunho de João Crisóstomo<sup>1</sup>

Érica Cristhyane Morais da Silva

Considerando o amplo movimento de reestruturação enfrentado pela sociedade romana na instauração do sistema político a que chamamos *Dominato*, os conflitos sociais eram freqüentes nas províncias do Império Romano, em especial, nas províncias orientais. Estes conflitos se apresentaram sob as mais variadas formas: intolerância religiosa, guerras civis, usurpações e levantes populares urbanos. Na presente comunicação nos ocuparemos do fenômeno dos levantes populares urbanos a partir do episódio conhecido como Levante das Estátuas. Mas antes de tratarmos do tema em questão, torna-se necessário definir o que se entende aqui por levantes populares urbanos.

Ao analisar alguns levantes no século IV d.C., Gilvan Ventura da Silva<sup>2</sup> os define como sendo “populares na medida que são produzidos e sustentados por segmentos exteriores à elite” os quais são denominados, em seu conjunto, por *plebs urbana*. Em razão disso, estas manifestações possuem “especificidades em termos de interesse e procedimentos táticos que os diferenciam bastante dos conflitos gerados no seio da própria oligarquia romana, a exemplo das usurpações”.<sup>3</sup> Segundo Robert Browning<sup>4</sup>, o Levante das Estátuas não é um evento isolado na medida que irrompe nas províncias e num contexto de manifestações populares contra o governo imperial as quais são caracteristicamente diferentes dos “conflitos e dos banditismos endêmicos das áreas rurais”.<sup>5</sup> Neste sentido, os levantes populares urbanos são manifestações produzidas por uma categoria social específica, a *plebs urbana*, deflagradas em um espaço determinado, a *urbs*, e com objetivos considerados políticos na medida que são eventos que “focalizam explicitamente o sistema político ou torna-se político devido à reação das autoridades e do público”<sup>6</sup>.

No caso de Antioquia, os amotinados destruíram estátuas imperiais num protesto contra a criação de um novo imposto. De acordo com Stephen Williams e Gerard Frill<sup>7</sup>, “as

imagens imperiais são os símbolos políticos mais sagrados do Império”. De fato, num contexto em que a imagem imperial é compreendida como *mimesis* do imperador<sup>8</sup>, a destruição de estátuas ou de outro material imagético portando a efígie imperial é considerado um ato grave de traição e ao praticante da ação é imputada o crime de *laesae maiestatis*.<sup>9</sup> E as referências ao episódio evidenciam o impacto e a importância deste conflito no contexto romano. Kenneth M. Setton<sup>10</sup>, ao mencionar o conflito, afirma que foi um empreendimento grave no qual imagens imperiais foram profanadas. Para Wilfried Nippel<sup>11</sup>, o levante foi uma “sublevação séria o suficiente para colocar em perigo autoridades imperiais e até mesmo o imperador”. Nos escritores do Baixo Império o conflito aparece sempre destacado e apresentando tanto a reação popular quanto a imperial frente a destruição das estátuas.<sup>12</sup> Dentre estes escritores, dois se tornaram referências principais quando se trata do Levante das Estátuas. Libânio, um retórico pagão, pronunciou cinco orações<sup>13</sup> em decorrência do conflito. João Crisóstomo, que na época exercia a função de presbítero na sé de Antioquia, predicou vinte e uma homilias<sup>14</sup> que ficaram conhecidas como *As Homilias sobre as Estátuas ao Povo de Antioquia*.

João Crisóstomo, em relação à Libânio, nos lega uma numerosa documentação sobre o levante. No entanto, observamos que as cinco orações de Libânio são consideravelmente mais exploradas pela historiografia, enquanto as homilias de João Crisóstomo aparecem como um adendo à compreensão do conflito ocorrido em Antioquia. De fato, nas obras gerais sobre a história romana ou nas específicas sobre o levante, podemos observar o tratamento diferenciado no que se refere às fontes. Averil Cameron<sup>15</sup> destaca as características gerais do conflito e enfatiza como fonte principal de informação sobre estes aspectos os discursos de Libânio reforçando a posição complementar do testemunho de João Crisóstomo. Robert Browning<sup>16</sup> também argumenta que os discursos de Libânio fornecem, em maior detalhe, a evolução do conflito e que João Crisóstomo, apesar de sua eloquência, relata muito pouco sobre o que realmente aconteceu.

A maior ou menor utilização da documentação de Libânio influencia diretamente na forma como a historiografia apresenta o Levante das Estátuas. Logo, no que se refere às

descrições historiográficas, estas tendem a apresentarem o levante em termos dos motivos que levaram à revolta, da composição social dos participantes e das ações imperial e popular frente ao ocorrido<sup>17</sup>. Esta tendência historiográfica que trata das características gerais do conflito – da sua composição social, das motivações e a forma como os participantes procederam e da ação imperial suscitada – pertencem a uma abordagem que chamaremos de “social”, ou seja, um modelo de explicação histórica que “direciona seus interesses para as investigações da composição social e da vida cotidiana dos grupos e categorias sociais”.<sup>18</sup> Assim, a maior exploração do depoimento de Libânio relaciona-se com os interesses daquele paradigma histórico voltado para a investigação dos aspectos sociais.

Só muito recentemente verificamos um voltar-se para as fontes cristãs. Existem duas razões para isso: a retomada de estudos que apresentam uma outra vertente de interpretação revista pela nova História Cultural e o enriquecimento da História com teorias e metodologias provenientes de outras áreas do conhecimento. Renovados pela mudança de ênfase – do social para o cultural – os estudos que se detêm na compreensão da dimensão cultural estimulam o retorno às fontes cristãs. Estas novas referências estimulam novas áreas de discussão que ainda se encontram silenciadas na historiografia. Averil Cameron<sup>19</sup>, por exemplo, evidencia que atualmente a história do desenvolvimento do cristianismo no Império Romano, escrita por historiadores, tem enfatizado as dimensões social e institucional do fenômeno em detrimento dos modos simbólico de expressão. Dessa maneira, a autora destaca que ainda existem muitos outros pontos de vistas do discurso cristão que precisam ser investigados.

Nesta perspectiva, a documentação de João Crisóstomo, pouco explorada até o momento, muito pode contribuir para o debate sobre o Levante das Estátuas bem como apresentar uma nova dimensão deste conflito, ou seja, a representação cristã. Realmente, as homilias são importantes fontes históricas porque nos permite alcançar a visão de mundo cristão na medida que são espaços nos quais se debatiam e se expressava a posição da Igreja sobre algum tema social. São fontes históricas importantes, sobretudo, pelos detalhes que fornecem já que estes textos são, geralmente, contemporâneos aos acontecimentos

aos quais aludem.<sup>20</sup> Contudo, a utilização do testemunho de João Crisóstomo como documento histórico coloca alguns problemas teórico-metodológicos que precisamos considerar.

Em primeiro lugar, as Homílias sobre as Estátuas, de João Crisóstomo, são textos classificados, em termos literários, como orações, sermões ou homílias. De acordo com Dorothea French<sup>21</sup>, este tipo de fonte tem por objetivo apresentar “provas retóricas inventadas” ou “argumentos” que convençam a audiência a aceitar a explicação que produz. Segundo esta autora, este tipo de documento não é desinteressado, não apresenta uma “visão objetiva” dos eventos que propõe debater. Vejamos este problema sob um ângulo diferente. Não se trata de verificar até que ponto as provas e os argumentos são objetivos ou não, mas de compreender as estratégias particulares. Nenhum discurso é neutro. Os discursos quaisquer que sejam sua natureza, estão permeados dos interesses do grupo, são apreensões que imporão sua forma de compreender o mundo e, assim sendo, incorrerão em práticas sociais.<sup>22</sup> Desse modo, os “argumentos” e as “provas” apresentadas por João Crisóstomo nas Homílias sobre as Estátuas compõem um repertório de informações que nos permitem alcançar os modos de organização e as relações sociais pretendidas ou, efetivamente realizadas, pelos cristãos, na sociedade romana do século IV d.C. Em segundo, as homílias são prédicas pronunciadas em público o que implica na agregação de uma audiência de ouvintes. Ramsay MacMullen<sup>23</sup>, buscando definir quem era a audiência dos bispos na segunda metade do século IV, conclui que aqueles que ouviam as prédicas possuíam um elevado nível educacional considerando o sofisticado e complexo estilo das homílias. Assim, excetuando alguns dias específicos do ano quando a audiência se tornava mais representativa das diversas categorias sociais, a audiência era, geralmente, composta pelos grupos sociais mais elevados. Wendy Mayer<sup>24</sup> afirma que João Crisóstomo teve mais de uma congregação e para definir as pessoas que ouviam as homílias devemos considerar a época e o lugar no qual as homílias foram pronunciadas. Estes são alguns dos aspectos que devemos considerar na análise da documentação de João Crisóstomo sobre o Levante das Estátuas, mas apesar dos problemas colocados por este tipo de fonte

documental, precisamos reconhecer que, como afirma Peter Stewart<sup>25</sup>, “o que aconteceu em Antioquia na primavera de 387 merece, no mínimo, ser bem conhecido”.

<sup>1</sup> Este trabalho é o resumo de alguns dos tópicos abordados no primeiro capítulo da dissertação de Mestrado, provisoriamente, intitulada “O Levante das Estátuas em Antioquia (387 d.C.): um estudo sobre o conflito a partir dos testemunhos de João Crisóstomo” que desenvolvemos no Programa de Pós-graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo na área de concentração História Social das Relações Políticas sob a orientação do Professor Doutor Gilvan Ventura da Silva.

<sup>2</sup> SILVA, G.V. Motivações e procedimentos dos levantes populares urbanos no IV século. *Phoenix*, Rio de Janeiro, ano 3, 1997, p. 158.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 158.

<sup>4</sup> BROWNING, R. The riot of A.D. in Antioch: the role of the theatrical clagues in the Later Roman Empire. *Journal of Roman Studies*, v. 42, 1952, p. 13.

<sup>5</sup> Sobre o contexto rural e os conflitos deflagrados no campo ver: HOPWOOD, K. Bandits, elites and rural order. In: WALLACE-HADRILL, A. *Patronage in ancient society*. London: Routledge, 1990, p. 171-187. DRINKWATER, J. Patronage in Roman Gaul and the problem of the Bagaudae. In: WALLACE-HADRILL, A. *Patronage in ancient society*. London: Routledge, 1990, p. 189-203. SHAW, B.D. Bandits in the Roman Empire. *Past and Present*, n. 105, 1984, p. 3-52.

<sup>6</sup> ZIMMERMANN, E. Macropesquisa comparativa sobre o protesto político. In: GURR, T.R. *Manual do conflito político*. Brasília: UnB, 1985, p.197.

<sup>7</sup> WILLIAMS, S. & FRIELL, G. *Theodosius: the empire at bay*. Routledge, 1998, p. 44.

<sup>8</sup> BONFANTE, L. Emperor, God and man in the IV century. *La Parola del Passato*, Napoli, fasc. XCIX, 1964, p. 408.

<sup>9</sup> LEAR, F.S. The crime of majesty in Roman public law. In: \_\_\_\_\_. *Treason in Roman and Germanic Law*. Austin: University of Texas Press, 1965, p. 34-5.

<sup>10</sup> SETTON, K.M. *Christian attitude towards the emperor in the fourth century*. New York: Columbia University Press, 1941, p. 189.

<sup>11</sup> WILFRIED, N. *Public order in ancient Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 110.

<sup>12</sup> Sozomeno, um escritor cristão, na sua História Eclesiástica, reserva um capítulo para escrever sobre o conflito de Antioquia. Neste capítulo, Sozomeno nos informa que “as estátuas do imperador e da imperatriz foram derrubadas e arrastadas pelas ruas da província e a multidão enfurecida vociferava todo tipo de insulto que a paixão do momento poderia sugerir”. Ainda conforme Sozomeno, o imperador determinou a morte de muitos dos cidadãos de Antioquia devido ao insulto cometido. Na *História Eclesiástica* de Teodoreto, a menção ao conflito de Antioquia também é feita em um capítulo. Teodoreto apresenta a gravidade das ações cometidas bem como a reação do imperador ao ser informado dos acontecimentos. Conforme Teodoreto, “o imperador, ao ser informado dos eventos, se mostrou indignado, como era de se esperar”. Ainda segundo este autor, o imperador, então, privou a província de seus privilégios e transferiu a dignidade de metrópole de Antioquia à província vizinha, a Laodicéia, de modo que pudesse infligir àquela a maior indignidade, a de rebaixá-la ao status de vila. Depois ameaçou a cidade de queimá-la e destruí-la. Conferir: SOZOMEN. *Ecclesiastical History*. Book VII, 23. In: CATHOLIC ENCYCLOPEDIA, 2003. Disponível <http://www.newadvent.org/fathers/26027.htm>. Acesso em: 15 maio 2005; THEODORET. *Ecclesiastical History*. Book V, XIX. In: SCHARFF, P. *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*. Series II, Volume III. Disponível [http://www.ccel.org/fathers2/NPNF2-03/Npnf2-03-14.htm#P2425\\_782521](http://www.ccel.org/fathers2/NPNF2-03/Npnf2-03-14.htm#P2425_782521). Acesso em: 15 maio 2005.

<sup>13</sup> LIBANIUS. The Riots of the Statues. In: LOEB CLASSICAL LIBRARY. Libanius: Selected Works, v. 2. Harvard University Press, 1978, p. 237-407.

<sup>14</sup> Nosso estudo é fundamentado na classificação tradicional que reconhece vinte e uma homilias sob a rubrica As Homilias sobre as Estátuas ao povo de Antioquia de João Crisóstomo, mas há divergências quanto ao número de homilias relacionadas ao conflito. O número de homilias oscila entre 21 e 24. Conferir: PAVERD, F.Van de. *Saint John Chrysostom: The Homilies on the Statues – An introduction*. Orientalia Christiana Analecta 239. Roma: Pont. Institutum Studiorum Orientalium, 1991; VALEVICIUS, A. Les 24 homélies ‘De Statuis’ de Jean Chrysostome: recherches nouvelles. *Revue des Etudes Augustiniennes*, n. 46, ano 2000, p. 83-91.

<sup>15</sup> CAMERON, *The Later Roman Empire*. London: Fontana Press, 1993, p. 174.

<sup>16</sup> BROWNING, The riot of A.D. in Antioch: the role of the theatrical clagues in the Later Roman Empire. *Journal of Roman Studies*, v. 42, 1952, p. 13.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 16; ALFÖLDY, G. A história social de Roma. Lisboa: Presença, 1989, p. 226; DOWNEY, G. *A history of Antioch in Syria: from Seleucus to the arab conquest*. New Jersey: Princenton University Press, 1961, p. 426-9.

<sup>18</sup> HUNT, L. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 2.

<sup>19</sup> CAMERON, A. *Christianity and the rhetoric of Empire*. Berkeley: University of California Press, p. 2-3.

<sup>20</sup> MAYER, W. The Homily as historical document: some problems in relation to John Chrysostom. *Lutheran Theological Journal* 35, ano 2001, p. 17.

<sup>21</sup> FRENCH, Rhetoric and rebellion of A.D. 387 in Antioch. *História*, n. 47, 1998, p. 469-70.

<sup>22</sup> CHARTIER, R. *A história cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

<sup>23</sup> MACMULLEN, R. The preacher’s audience (AD 350-400). *Journal of Theological Studies*, n. 40, 1989, p. 503.

---

<sup>24</sup> MAYER, W. John Chrysostom and his audiences: distinguishing different congregations at Antioch and Constantinople. *Studia Patristica*, n. 31, 1997, p.72.

<sup>25</sup> STEWART, P. The destruction of statues in Late Antiquity. In: MILES, R. *Constructing identities in Late Antiquity*. London: Routledge, 1999, p. 159.